



## **ESPECIARIAS PARA UMA JANTA DIUTURNA**

Gabriel Sales Macedo<sup>1</sup>

Eterna transeunte de mim mesmo – ao tempo que eu próprio estava a esmo –, a constelação de esferas que Gabriela me fizera queimava-me as mãos. Enquanto sua obra atinge os sessenta, pego-me, num caminho entre vinte e vinte um, lendo a minha própria construção textual: suas rupturas com o presente (quando não d’outras gravuras), nosso passado incompleto, progressivo, a configuração sintática que antes tivera (de riscos e mais riscos espalhados no caderno), etc. Trata-se de uma inconsciência numeral para na cadência do texto o pudesse compartilhar a solidão.

Tudo pra falar de Gabriela, da chama com que me chama.

Como pode ela ser um mundo? Eu, falso antropófago, penso se como em silêncio sua esfera, a dimensão necessária do nosso romance. Um mundo, uma e mais cidades contida num nome e especiarias, enquanto na sala-de-estar, no caule da estante, o romance parece pairar defronte a mim, disposto aos meus olhos de abandono ao livro abandonado, paira essa romântica novela que Gabriela me era, a redução dada a nós, por mim, por este que aqui se impedia trepar perante a redução dos testículos, dos recortes e recortes sem sincronidade dessa vida.

Raízes são importantes. A escultura da sua obra devia ser devorada por

---

<sup>1</sup> 2º lugar no Concurso Crônicas de Gabriela, promovido pela Secretaria Municipal da Cultura de Ilhéus, em agosto de 2018.



inteiro, sem dadaísmos. Os portos sempre estão abertos. Gabriela... (a imagem harmônica entre a abertura de pernas e sorriso... o contraste entre vestido e pedaços de pele crua... a suavidade com que se cai a alça da sua blusa... a nudez refletida em seus olhos de desejo, de mulher que muito devora enquanto pensam devorar...) Gabriela era um sonho intercedido em minha realidade...

Penso no que seria de Freyre a compilação do manifesto de sua timidez, em seus anos de aprendiz, registrado como o *tempo* desse vocábulo de sentido litúrgico – para aprender há de se botar fé no que se diz. Penso na sua antagônica forma de criar, sincrelada. O tanto, o tantinho – menos que a dor e mais ainda que o carinho – que o poeta não tem de ser incendiário.

Não me basta a transfiguração da realidade pelas coisas simples. Rente e presente a criança ao adulto, graças faz às escolhas. Estaria a genialidade na gênese da infância? Ternura, candura, canção: os olhos abertos à curiosidade do mundo.

O que eu quisera de Gabriela era o seu sabor. Ponho-me a tentar descreve-lo, frase a frase na desenvoltura d'um novelo (Senhor, dai-me a sabedoria para poder falar da letra morta em carne viva, de sua santidade de mangue – em flora e fauna e cal e sangue).

Leitura é lembrança. Lembro da influência compreendida pela realidade palatal no gosto por especiaria. Lembro de tatuagens para seguir viagem. Lembro dos sonhos, pois não se pode os esquecer. Lembro de registros nos jornais e além dele. Penso no tanto de história que, eu e ela – eu e Gabriela – unidos possuímos.



Entrelaçados, os eternos presentes são de resgate e revolução.

Interessa viajar por Gabriela, por suas *idades*. Pelos mundos num texto. Pelos ares de amares. Pelas conquistas. Interessa falar das guerras por amor e política. Das mulheres num livro. Dos mundos nas mulheres. Das facas nos livros e textos nas colheres. Interessam as especiarias no jantar.

Avistei Gabriela um mundo de vezes, embora nunca a descobrisse. Cravo e canela estavam presentes ao paladar, esse meu sentido que deseja um amontoado de fantasias em crônica, tal mesmo a literatura de viagem, fruto da moderna antiguidade evocada na memória discursiva demasiado atribuída, mesmo nem tão demasiadamente assim, ao símbolo figurado em meu nome, de lavrador duma terra, de lábios de viola e pandeiro, de quem refraciona a lembrança do fervor dos bons ares de uma cidade ou dos pares entrelaçados na explosão da literatura fantástica.

Ontem chovia. A madrugada faz de hoje uma extensão de ontem. Há apenas vestígios do caos diuturno, arauto da reinvenção. Amanhã será sábado, mas pronunciarei o amanhã como hoje, sexta. Amanhã é sexta enquanto hoje é ontem. Essas são as viagens. Essas e a janta posta à mesa nesse tempo da noite de tempos em dança. Ilhéus continua com os mesmos espíritos cinzentos, dignos da extensão para além litorânea da baía de Todos-os-Santos e de uma crônica fantástica tecida em gênero feminino, com mares interiores na santificação de sua baiunidade. Lembro do gosto por reinvenção de gêneros – conto com alguns porquês. Penso ser,



pois, pela janta disposta: uma senhora, uma obra, uma senhora obra, uma sexagenária sem hora. A mulher que é o romance.

Lembro do cacau impregnado em meus dedos, involuntariamente pintando os tecidos; lembro da minha, da *nossa* devoção por esse fruto. Dos inevitáveis fins entre medos, mãos e apelos. A vida sempre foi doses de literatura. Confusões em reflexos, tentativas falhas de retrato. Laços, religiões. Anseios mistos de sujeito e objeto. *Idades*.

Os sinais me confundiam da cabeça aos pés. Seja a antropofagia pela música – ou quiçá a litúrgica –, devorei um mundo de Gabrielas às vezes, embora nunca descobrisse. Ventos beijam a conjunção das velas com que revelo minha crônica de viagem, servida à mesa em fantasia de sonhos e crenças. Penso em deglutições por subserviência. Penso nas disputas. Ancorados, os navios aguardam as sincrelidades dos barris.

Da poesia, há quem diga ser inevitável o fogo das musas.